



A DESOBEDIENCIA DE TROTTINO

(Imitação)

— Sim, senhor, gosto muito dos seus beijinhos, mas agora vamos a vestir. Não quero que te constipes.

Isto dizia a boa mãe ao pequenino José, que lhe saltara ao pescoço apenas acordara, e que meigamente a cobria de beijos.

— Anda, filho, deixa-me vestir-te! — insistia a dedicada mãe.

— Pois sim, mas ha de contar-me uma historia bonita — exigiu o pequenito.

— E promettes estar quietinho?

— Prometto.

— Então vaes ouvir a historia de Trottino.

O rapazinho abriu muito os olhos, cheio de anciedade, porque morria por historias, e a desvelada mãe aproveitou a occasião para lhe dar uma liçãozinha de moral.

Começou d'este modo:

«Era uma vez uma coelha que tinha dois filhos. O mais velho chamava-se Lapino, e o mais novo Trottino. Lapino era um coelhinho modelo; não só possuia uma pelle muito bonita e sedosa, como era em extremo meigo e docil, obediente a sua mamã, dedicado ao seu irmãozinho.

A mãe julgar-se-hia a mais feliz das coelhas, se o Trottino se parecesse com o irmão. Trottino não era verdadeiramente mau; não desobedecia ás advertencias de sua mãe de caso pensado; mas sim por ser muito estouvado e desinquieto. Tinha ainda outro defeito: ser muito guloso. Não obstante, tinha bom coração, e não era raro privar-se d'uma saborosa cenoura, ou d'uma folha de couve bem tenrinha, para as dar de esmola a algum coelho pobresinho. Quando fazia alguma maldade, a mãe reprehendia-o, e elle promettia não tornar; mas na primeira occasião esquecia-se das suas promessas. Não sabia ainda que todo o coelho que se prese deve reflectir antes de dar a sua palavra, porque, depois, de modo algum deve faltar a ella.

Lapino e Trottino já iam tendo idade de comer sósinhos; mas ainda não conheciam bem as plantas, e por isso a mãe prohibia-lhes de tocarem em qualquer herva que ella não lhes dêsse. Quando o tempo estava bom, levava-os a um praço bem verdinho, e indicava-lhes aservas que podiam comer.

Numa manhã, a coelha mãe reparou que estava vazio o armario das provisões.

— Tenho de ir buscar paparoça — disse ella ao Lapino. — Anda, levanta-te, arranja a tua cama e a de teu irmão, e limpa bem a casa. Eu volto breve para então os levar a passear.

— Pois sim, mamã — responderam os dois coelhinhos.

Depois da mãe sahir, Lapino começou a arranjar a toca, e ficou muito admirado de Trottino o ajudar, coisa que nunca fazia. O petiz lá tinha a sua idéa. Depois de estar tudo em ordem, chegou-se para a entrada da toca, e exclamou:

— Ai! que lindo dia! Anda vêr, Lapino.

O irmão foi, dizendo:

— Está bonito, está. Depois da mamã vir e descansar, iremos dar um passeio. Mas onde vaes tu, Trottino? — acrescentou, vendo que o endiabrado dava alguns passos fóra da toca. — Não sabes que somos ainda pequenos para sahir sósinhos?

— Isso era na semana passada. Agora já estamos crescidos. Estou morto por correr; tenho as pernas entorpecidas de estar em casa ha tanto tempo.

— Pois então corre ahi diante da porta, mas não te afastes.

— Anda tu tambem; não sei brincar sósinho. Faz-me a vontade, meu Lapinosinho!

— Mocanheiro!

E Lapino sahiu da toca. Começaram ambos ás corridinhas e aos saltos, e tão attento estava Lapino a vigiar o irmão, para que não lhe succedesse mal, que não reparou que muito se haviam afastado.

— Onde me trouxeste tu, Trottino? Vamos já para casa. Que dirá a mamã!

— Ora! não dirá nada, porque chegaremos primeiro que ella. — Olha que bella alfaca!... Como deve ser tenrinha!

De facto, ao pé d'uma escada de pedra estava um cabaz com excellentes alfacas. A vendedora

tinha subido ao primeiro andar para vender outras coisas, e deixara alli o cesto, para não ir carregada.

Trottino, sempre guloso, atirou-se á alfaca como um desesperado.

— Deixa isso, Trottino! — gritava-lhe o irmão. — Ai! se a mamã te visse, dir-te-hia que estás a roubar, e que os ladrões merecem cadeia!

— É mesmo uma delicia! — dizia o guloso Trottino, sem dar ouvidos ao irmão.

Mas, de repente, apanhou um formidavel ponta-pé, que o fez rebolar até onde estava o irmão. Era a vendedeira que voltara, e que não aprovara o descarreamento de Trottino. O imprudente ainda pôde fugir, se bem que gemendo com dôres.

Os dois irmãos, cheios de susto, correram a bom correr, e perderam-se no caminho.

Lapino foi o primeiro a parar.

— Então onde é a nossa casa?... — murmurou elle a tremer.

— Eu não sei... O demonio da mulher fez-me ver as estrellas... Ai que dôres!

— Vamos ver se encontramos a nossa casinha, Trottino. A mamã deve estar muito inquieta. Creio que é por este lado.

— É, sim. A casa não está longe. Deixa-me descansar um bocadinho n'este sitio tão bonito. A mamã nunca nos trouxe aqui. Olha que bello trevo!

— Tambem me parece que é trevo; mas a mamã não está aqui, e recommenda-nos sempre que não comamos nenhuma herva sem ella estar presente. Almoceste bem esta manhã, Trottino, e não precisas de comer.

— O exercicio abriu-me o appetite. Tu não tens fome?

— Tenho, mas não quero desobedecer á mamã. — Pois eu preciso crear novas forças.

E o imprudente Trottino metteu-se por entre a herva, começando a trincar no trevo.

Lapino abanava as orelhas, muito descontente. A sua vontade era voltar sósinho para casa, mas não queria abandonar o irmãoosito.

De repente, Trottino, que andava aos saltos e ás cabriolas, comendo ora aqui, ora acolá, gritou:

— Anda cá, Lapino! Que bella salsa! Nunca a vi tão crescida! Não dirás que tambem não conheces a salsa.

— Olha que me parece muito grande para salsa. Não comas, Trottino. Vamos para casa.

— Depois de encher a barriga. Que deliciosa salsa!

— Ah! se a mamã soubesse!

— Não pôde saber; só se tu fôres denunciante.

— Bem sabes que não tenho esse mau costume. Anda, meu querido irmão, vamos embora!

Lapino pedia de tal modo, que o diabrete não pôde resistir-lhe.

— Pois vamos lá — disse elle. — Tambem já não posso mais.

Pouco depois de entrarem em casa, voltou a

mãe. Lapino estava á porta espreitando, e logo que a viu, gritou:

— Lá vem a mamã! Anda ao encontro d'ella, Trottino!

— Estou cansado.

— Ai! que focinho tens! Estás doente?

— Não; a gente pôde estar fatigado sem ser por doença. Vê lá se dizes á mamã que estou doente.

A senhora Lapina perguntou aos filhos se tinham estado com juizo, ao que elles responderam que sim. Depois, foi pôr o jantar na meza. Lapino comeu com grande appetite; mas o irmão de balde tentava engulir alguma coisa. Sentia dôres no coração, no estomago, e a cabeça andava-lhe á roda. Afinal, não podendo soffrer mais, deixou se cahir para o lado, soltando gemidos afflictivos.

— Que tens tu, meu filho? — exclamou a pobre mãe.

— Doe-me muito a barriga... parece que está a arder...

— Comeste alguma coisa? Lapino, dize-me o que succedeu.

Lapino voltou a cabeça para o lado; não queria que seu irmão lhe chamasse denunciante.

— Vossês sahiram? — continuou a mãe.

Os dois coelhinhos baixaram as orelhas confundidos.

— Já vejo que sahiram. E que é que comeram?

— Fui só eu, mamã — disse Trottino, com remorsos.

— Bem, bem; mas dize depressa o que comeste; preciso sabel-o para evitar que morras, meu querido filho.

Ouvindo fallar em morte, Trottino gemeu com mais força; não queria morrer.

— Comi trevo...

— O trevo não faz mal.

— Também comi salsa; e nunca vi nenhuma tão crescida.

— Salsa! Tu viste-a, Lapino? Seria realmente salsa?

— Parece-me que não, mamã. Eu bem disse ao Trottino que não comesse.

— Ah! desgraçado! comeste cicuta, que é um veneno. Lapino, vae já a correr chamar o medico! Dize-lhe que teu irmão está envenenado. Que venha depressa!

Em quanto não chegou o medico, a pobre mãe rodeou de cuidados o filho, fazendo-o vomitar.

O medico pouco tardou. Tomou o pulso ao doente e deu-lhe a beber um remedio.

— Amarga muito! — disse Trottino, que já estava melhor.

— Tu merecias que amargasse ainda muito mais, guloso d'uma figa! — respondeu o medico. — Vamos, toca a beber tudo, para não morreres e para consolares a tua pobre mamã, que está alli desfeita em lagrimas.

Trottino bebeu. Depois, lançou as suas duas patinhas ao pescoço da mãe, e pediu-lhe que lhe perdoasse.

Trottino restabeleceu-se, e, o que é mais, não tornou a ser guloso, nem a desobedecer á sua mamã.

— Então gostaste da historia? — perguntou a mãe, acabando de vestir o Josésinho.

— E' muito bonita.

— Pois então não te esqueças do que succedeu ao Trottino por desobedecer á sua mamã.

— Não, não; hei de sempre fazer o que a mamásinha disser.

HISTORIA DE VALDEMAR DAAE E DE SUAS FILHAS

CONTO DE ANDERSEN

(Continuação)

No meio da desolação, no meio dos montões de cinza, o sr. Valdemar guardava interrupto silencio e a sua fronte orgulhosa ainda se não abatera.

Os cabellos haviam embranquecido pelos pezares, pelas longas noites de insomnia; a pelle amarellava-se, enrugava-se dia após dia; os olhos fulguravam com o especial fulgor sinistro que exprime a sede de ouro. Por mais que eu lhe assoprava ás faces o fumo dos cadinhos e a cinza das fomalhas, nada conseguia, nada o podia afastar das vãs experiencias. Em vez do ouro obteve dividas. Enquanto elle batalhava á direita com os credores, á esquerda com a sua treilhoucada ambição, penetrava eu, sem obstaculos e sem ruido, nos aposentos das meninas.

Agora estavam reduzidas a uns vestidinhos roçados; não restava uma só das suas numerosas serviçaes. — Bom Deus! murmurava-lhes eu aos

ouvidos, que abandono! que miseria! Chora, pobres donzellas, para que o vosso pae repare uma só vez sequer nos vossos lindos olhos, nas vossas pallidas faces, e que se condôa da sorte triste a que vos arrastou.

Ai! não estavam ellas costumadas ao meu triste cantar. Os comprimentos, as lisonjas haviam desaparecido todos, nem uma voz para as lamentar, a não ser a minha. Dzt, dzt, vôa, vôa!

Fazia um frio horrivel; as arvores da floresta haviam desaparecido tambem; nem um môlho de ramos seccos para aquecer o lar; e eu campeava nas salas, nos corredores; zumbia, assoviava, bramia; fazia estremecer os telhados. As pobres meninas e o seu nobre pae escondiam-se nos cobertores das camas para não ouvir o meu barulho, os meus sarcasmos cruéis.

Nada de comer, nada para queimar, eis um fim bonito para tão illustre fidalgo!

Mas Valdemar não estava ainda satisfeito.

— Depois do inverno, a primavera, dizia elle; depois da miseria a abundancia. Paciencia, resignação, perseverança! O palacio vende-se na Paschoa; trabalhemos sem cessar, d'aqui até lá espero obter o maravilhoso segredo.

Muitas vezes, contemplando a aranha, toda entregue ao labor da teia, exclamava elle: «Intrepida fiadeira, tu me ensinas a perseverar: em vez do desanimo e do desconforto, quando se rasga a tua melindrosa tela, tu recomças sempre a tarefa ingrata, e é assim que é preciso fazer para alcançar o fim desejado.»

Chegou o dia de Paschoa. Os sinos enchiam os ares de argentinas harmonias. Os raios vividos do sol emanavam doce, benefico calor.

Valdemar Daac, dominado pela febre devoradora, passara a noite junto das fomalhas, aquecendo, distillando os seus preparados, resfriando os residuos, misturando-os, derretendo-os, distillando-os de novo. Ouvia-o eu ora a suspirar de desalento, ora a rezar com ardor: via-o a

contrahir as feições, a esgazear os olhos, a suster a respiração.

A lampada apagara-se sem elle dar por tal: estava inclinado sobre o cadiño; o clarão phantastico, avermelhado, do brazido dava ás feições, ao cráneo calvo um colorido extravagante; parecia a cabeça lugubre de estranho cadaver. E de repente os olhos dilataram-se, as feições abriram-se, a bocca descerrou-se n'um grito indefinivel de surpresa, de sinistra commoção.

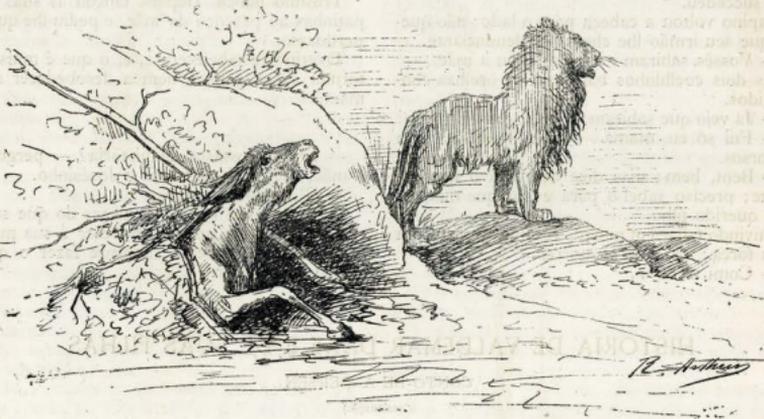
— Ouro! ouro! Eil-o, exclamou em voz rouca e tremula, eil-o! emfim! Ahi está o embryão maravilhoso, a pedra philosophal! Como ella brilha, como ella pesa! Ouro! ouro!

E o alchymista cambaleava como tomado de vertigem.

Então, se eu assoprasse, atirava com elle a terra; mas preferi deixar aquella loucura em liberdade, até ao fim. Segui-o pelo corredor até ao quarto, onde as pobres filhas tremiam de frio.

(Continúa).

GABRIEL PEREIRA.



O BURRO E O LEÃO

FABULA DE LAFONTAINE

Ao amoso rei leão
Deu-lhe um dia na pancada
Ir fazer uma caçada
Pelo seu vasto sertão.

Ora o leão quando caça
Atira-se a bons veados,
A javalis alentados
Pois com pardaes não engraça.

Pensando uma astucia fina,
Entendeu-se com o burro,
Para que este com seu zurro
Lhe servisse de busina.

Esconde-se, e assim lhe diz:
— Zurra zurros bem zurrados,
Porque os brutos assustados
Fugirão dos seus covis.

O burro fez a berrata,
Que n'isto os brutos são promptos,
E aos brutos que fogem tontos,
O leão deitou a pata.

— Não fiz bom serviço aqui?
Sem mim tal caça obtiveras?
— Se não soubesse quem eras
Teria medo de ti!

Toma o asno ares casmurros
Ouvindo a graçola atroz;
Mas agora, aqui p'ra nós,
Quem sofre basoia a burros?

J. I. D'ARAÚJO.



À BEIRA-MAR

Á BEIRA-MAR

N'esta época do anno despovoam-se as cidades e animam-se os campos e as praias. Só ficam os que não pôdem ir, ou pelos seus modestos haveres, ou pelas suas occupações imprescindíveis. E bem fazem os que vão, o que não quer dizer que fazem mal os que ficam, sendo justificado o motivo.

Ir para o campo no verão é ir buscar farnel de saude para o inverno. O bom ar puro e livre como que infiltra nova vida no organismo.

Os banhos de mar tambem produzem salutarres effeitos.

A menina Clotilde, que apresentamos na nossa gravura, é a prova do que dizemos. Em Lisboa andava pallida, sem appetite, muito enervada de forças: agora, desde que foi para o campo e que toma todos os dias um bello banho matinal, almoça e janta com vontade devoradora, as faces apresentam um suave colorido encantador, e as forças augmentam-lhe, permitindo-lhe dar largos passeios.

Lá está ella sentada na macia areia, com o livro ao lado, cuja leitura a enlevou por largo espaço, aspirando com delicia a brisa maritima e olhando com interesse para um robusto pescador que vae arrastar para a agua o seu barquinho. Clotilde tinha encomendado ao laborioso pescador uma caldeirada, tencionando fazer uma surpresa aos seus queridos paes.

— Boa fortuna, tio Ambrosio! — gritava-lhe ella cá de longe

— Será o que Deus quizer! — respondeu o pescador, gritando tambem.

E o barquinho, escorregando pela areia, entrou no mar.

Clotilde affeição-se ao pobre pescador e á sua honrada familia, e gostava immensamente de lhe ouvir contar as suas aventuras maritimas. Ainda na vespera ella estivera a escutar-lhe a narração d'uma tragedia tristissima. O bom tio

Ambrosio andava então embarcado n'um navio mercante, que navegava para os portos da nossa Africa. Uma tarde, as ondas começaram a engrossar, fustigadas pelo vento, e a manobra a bordo teve de ser rapida, para preservar o navio da tempestade que se approximava. A marinagem andava ligeira na faina, quando um pobre marinheiro, rapaz de seus vinte annos, desequilibrando-se n'uma das vergas, cahira ao Oceano.

— Homem ao mar! — gritaram todos afflictos. E trataram de salvar o infeliz, que luctava com as ondas, nadando com desespero.

Atiraram-lhe uma boia e á pressa desprendiam o escalor dos turcos. Mas n'isto apparece um enorme tubarão, e, sem dar tempo ao soccorro, abocca o infeliz marinheiro e devora-o cruelmente!

O tubarão é talvez o mais terrivel habitante dos mares. Póde chamar-se-lhe o tigre das ondas. Ha alguns que tem mais de dez metros de comprimento. São ferozes, vorazes, ávidos de sangue. Perseguem obstinadamente o inimigo, desesperados, enraivecidos. O tubarão é ainda mais temivel do que a baleia, porque esta, além de não ser tão bem armada como elle, geralmente não accommette o homem nem os grandes animaes. E depois, o tubarão possui movimentos rapidissimos, o que o torna devéras temeroso. Dando-se bem em todos os climas, tem invadido quasi todos os mares. A' noite, por entre a escuridão, é facil distingui-lo pelo brilho phosphorescente que desprende de si. O homem de mar tem-lhe verdadeiro horror, e por isso tambem não o poupa se o pôde matar, o que não é facil.

As narrativas do tio Ambrosio exerciam em Clotilde benefica influencia, porque a faziam apiedar-se dos pobres pescadores, que tanto trabalham, tanto luctam para ganhar o pão da sua familia.

MATTOS MOREIRA.

O RESULTADO...

Bertha e Alfredo tinham sahido a passeiar como o avô. Cada um ao sahir pegára nos seus brinquedos e tambem em alguns biscoitos, para irem entretendo o estomago, se lhes chegasse vontade.

Bertha é uma encantadora creança de loiros cabellos em largos anneis; olhos como se fossem o céu, azues e meigos; uma boquinha pequena risonha; o nariz arrebicado um tanto e uma côr finissima. Tinha apenas 6 annos, mas não lhe faltava juizo.

Alfredo, de 5 annos, era tambem loiro e meigo como a irmã, mas só com mais um sentimento muito feio — a inveja!

Devem sempre evitar-a os meus leitoresinhos,

porque ella leva-nos ás vezes a fazer coisas que repugnam aos homens e a Deus!

Entretanto, era muito applicado ao estudo, porque as suas ambições todas eram chegar a ser um bello marinheiro d'armada!

O avôsinho, visto o dia estar muito calmoso, determinara sahir, levando comsigo, como era costume, os dois manos. Os passeios eram quasi sempre longos, mas elles não o percebiam, porque iam brincando e comendo pelo caminho. Hoje, porém, attendendo ao calor que fazia, foi mais breve e curto.

Ao derrocado Passeio Publico se dirigiu o avô e os netos.

Alfredo, mal soubera da passeiata, pegara no

seu barquito de pau, com a competente vela; e Bertha na sua boneca mais pequena.

Chegados ao sitio indicado, Alfredo tratou logo de pôr o barquinho a nado e a irmã foi assistir á cerimonia, enquanto o avô ficava sentado á sombra d'uma arvore, lendo. Ambos, assim que viram o barco deslizar pela agua agitada levemente por o vento, começaram aos pulos e aos berros á beira do tanque, que alli está ao fundo da avenida central. De repente, a embarcação parou no meio da sua impetuosa carreira, porque o vento lhe era contrario.

Começou então Bertha, cheia de entusiasmo, mettendo a mão desocupada (porque a outra segurava a boneca) na agua, atirando-a assim em pequenas ondas na direcção do barco. Este mergulhava tanto que chegou d'uma das vezes a molhar a vela. Então Alfredo, n'um momento de colera, berrou:

— É bem feito que te caia a boneca á agua, e que se molhe toda! Dava 10 réis ás almas!

A irmãsita riu-se muito do seu querido mano e do barco, que já estava cheio de agua.

— Eu queria ver se te rias, se a tua boneca lá cahisse! — tornou Alfredo.

— Por isso eu a tenho aqui bem segura — observou a gentil Bertha, rindo cada vez mais.

Alfredo estava desesperado, não via já nada, estava cego de colera, causada pelo riso da irmã.

— Peço a Deus para que te faça cahir a boneca ao tanque! Era muito bem feito!...

Mal tinha acabado, quando uma forte rajada atirou o barco d'encontro áquellas plantas, onde está uma estatua, e alli ficou preso e enredado.

Alfredo, então, chorou! chorou! e entrou em casa triste e aborrecido!

Aqui podeis observar o rifão tão antigo quanto verdadeiro: *Ninguém deseje mal ao seu visinho, porque o seu já vem por o caminho!*

Lisboa.

A. MEIRELLES DE LEMOS.



VERSOS AO JULIO

A MASCARADA

Augusto e Alfredo,
Durante os suetos,
Ficavam quietos
Jogando o cucarne;
Passavam as horas
Assim entretidos,
Pois eram unidos
Qual unha com carne.

Um dia o Alfredo
Do mano se escapa
E a sós, á socapa,
Se vac mascarar;
Projecta o traquinas
Brincar com Augusto
Mettendo-lhe um susto
Que o faça chorar.

Sorrindo contente
De tal mascarada,
Com tinta encarnada
As faces lambusa,
Enverga uns enormes
Calções amarelos
E calça uns chinellos
Que a avó já não usa.

Fez d'uma toalha
Comprido avental,
De agudo punhal
Lhe serve a tesoura,
E dando aos seus gestos
Guerreira chibança
Arranja uma lança
Do pau da vassoira.

Rozarios de contas
Pendura ás oréllhas
E taz sobrancéllhas
Queimando cortiça,
Arranja a final
Feroz carantonha
Pondo uma medonha
Batata postiga!

No quarto de Augusto
Em breve se interna,
E á luz da lanterna
Que leva na mão
Lhe mostra de subito,
De atroz catadura,
A horrenda figura,
Dizendo: — Uhhh! papão!?!?...

Augusto, porém,
Que logo o conhece,
Do mano escarnece
Dizendo sem medo:
— A pencea postiga
Que mal te disfarça!
Bem vejo que é farga,
Conheço-te, Alfredo...

.....
É velho protoquio
Que não se desmente:
«Que as vestes, somente,
Não fazem o monge...»
Assim, quem é máu,
Por muito que finja,
Por bom que se impinja,
Conhece-se ao longe...

D. MARIA DO Ó

ALEGRIAS

Nunca talvez existiu n'este mundo pessoa mais vaidosa que um tal Sérégus, lente na universidade de Wittemberg. Mandou gravar o seu retrato por debaixo d'um crucifixo, pondo-lhe a seguinte inscripção:

Meu Senhor Jesus Christo, Vossa Divina Magestade ama-me?

Ao que o Salvador respondia:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Sérégus, sapientissimo lente de direito, poeta laureado de S. M. imperial, e dignissimo reitor da universidade de Wittemberg — pois eu não havia de amar a V. Ex.?!?

— Qual é o meio de achar a quaesma curta? — perguntava alguém.

Responderam-lhe:

— E' pedir dinheiro emprestado em quarta feira de cinza, com a condição de o pagar em domingo de paschoa.

Um decrepito chegou a tal ponto de demencia, que nem já se conhecia. Ao passar por diante d'um espelho, parava e dizia:

— Coitadinho! está palerma de todo!

Um desgraçado, morto de fome, dirigiu-se a um millionario a pedir-lhe 10 réis para um quarto de pão.

O millionario que, pelo abuso da abundancia, tinha um fastio mortal por tudo, deixou-se ficar recostado e deu-lhe o costumado «Deus o favoreça.»

Depois, ao vel-o afastar-se, murmurou:

— Que patife tão feliz! Tem fome!

Certo fidaigo, vendo um dia Descartes n'uma casa de pasto comendo á regalada, disse-lhe:

— Então que é isso, meu amigo, pois tambem os philosophos gastam o seu dinheiro em accepipes?

— Essa não é má! — respondeu Descartes.

— Acaso V. Ex.^a imagina que a natureza só produz coisas boas para os ignorantes?...

Um lapidario apresentou a Philippe II um anel com um brilhante tão grande e formoso, que admirou toda a côrte. O monarcha perguntou-lhe quanto lhe custara aquella joia.

— Setenta mil cruzados, real senhor.

— Setenta mil cruzados! — repetiu o soberano, espantado de que um lapidario tivesse animo de desembolsar tão valiosa somma. — Em que pensaste ao dares por um brilhante semelhante quantia?

— Pensei que havia um rei chamado Philippe II, e que era digno de se lhe offerecer tão formosa joia.

O artista não se deu mal com a galanteria.

HORAS ENTRETIDAS

63 — TRIANGULO

Dandy, gentil e *plus chic*
Ha no nosso Portugal.
O deus, vem ao *pic-nic*
Cantar esta bem ou mal.
Pois se queres interjeição,
Lê vogal com attenção.

Vizeu

Bés

64 — CHARADA

Instrumento muito usado — 1
Em qualquer reparação — 1
Quando o gato solta a voz, } 2
Faz assim com perfeição. }

O conceito não o dou
P'ra não dizer o segredo,
Porque : gato escaaldo
D'agua fria tem medo.

Vizeu,

O PEQUENO ANTONINHO

65 — CHARADA

Com esta vou passeiar — 2
Por toda ella, já se vê — 3
Se o todo me faltar
Estou perdida, assim o crê.

Lisboa

HERMINIA

66 — CHARADA NOVISSIMA

Não sou arma, sou vestimenta — 1 — 3
Monchique

CUNHA & C

67 — CHARADA NOVISSIMA

Aqui, alli, na musica não falla — 1 — 1 — 1

Lisboa

AS TRES SALATINA

68 — CHARADA NOVISSIMA

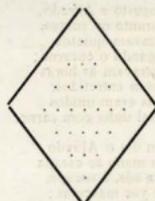
Come-se em Roma esta planta — 2 — 1

Vizeu

TRAVASSO & C

69 — PALAVRA EM CRUZ

Formar esta figura, de modo que as letras do centro indiquem o peccado occulto.



Consoante.
Na musica.
Villa.
PECCADO
Elevado.
No chapéu
Vogal.

FANTOC

70 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é a terra que está sempre verde?

Monchique

CUNHA & C.

71 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é a ave que com uma côr é peixe?

Lisboa

TITERE

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

55, Sallustio — 56, Capão — 57, Capote — 58, Verdade — 59, Patola.

60,

O
APA
OPHR
AIA
R

61, Serpa, Serpe — 62, Barra, Berra, Birra, Dorra, Burra.

ERRATAS

Veiu errada no numero anterior a solução do problema 46, é, *oferes* e não *aero*. — A charada semi-mathematica tinha antes da palavra *animal* o signal — em vez do signal —.